

A importância do estudo da antropologia visual para a pesquisa de campo em música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: Etnomusicologia

Ila LewtchukN

UFRN

ilalewtchuk@gmail.com

Resumo. Este trabalho tem como objetivo levantar uma discussão sobre a necessidade do estudo da antropologia visual na pesquisa de campo em música. É relatado de forma breve a história da antropologia visual, sua origem e suas mudanças desde o surgimento da fotografia até a criação do cinema. Discute sobre como o olhar antropológico nunca será imparcial, pois ao que registra coloca sua perspectiva sobre o objeto de estudo. Relata a pesquisa de campo financiada feita em 2022, intitulada: Matrizes Culturais do Forró no Rio Grande do Norte: um estudo junto a sanfoneiros do Território da Cidadania Agreste Litoral Sul. Onde foram realizadas, gravadas e editadas entrevistas com interlocutores sanfoneiros e músicos antigos dessa região. O resultado foram cinco entrevistas onde os músicos contam sua trajetória de vida com a música e relatam quais foram as principais características do forró tocado em suas respectivas regiões. Por fim, é feita uma reflexão sobre como o estudo da antropologia visual e de suas metodologias pode transformar a pesquisa de campo em música, trazendo um protagonismo aos seus interlocutores e retratando de forma sensível suas histórias e sua arte.

Palavras-chave. Pesquisa de Campo, Música, Antropologia Visual, Forró no Rio Grande do Norte.

Title. The Importance of Studying Visual Anthropology For Field Research in Music

Abstract. This work aims to raise a discussion about the need to study visual anthropology in field research in music. It is briefly related to the history of visual anthropology, its origin and its changes from the emergence of photography to the creation of cinema. It discusses how the anthropological look will never be impartial, because what it registers places its perspective on the object of study. It reports the funded field research carried out in 2022, entitled: Cultural Matrices of Forró in Rio Grande do Norte: a study with accordion players from the Território da Cidadania Agreste Litoral Sul. Where interviews with accordion players and old musicians from this region were held, recorded and edited. The result was five interviews where the musicians tell their life trajectory with music and report what were the main characteristics of forró played in their respective regions. Finally, a reflection is made on how the study of visual anthropology and its methodologies can transform field research into music, bringing protagonism to its interlocutors and sensitively portraying their stories and their art.

Keywords. Field Research, Music, Visual Anthropology, Forró in Rio Grande do Norte.

Introdução

Essa pesquisa tem como objetivo criar um diálogo entre a pesquisa de campo na área de música e a antropologia visual. Bem como levantar questionamentos acerca da utilização do registro visual como ferramenta importante e diferenciadora para a pesquisa de campo, sobretudo da perspectiva musical. A partir de uma pesquisa realizada em 2022 sobre as matrizes do forró no Rio Grande do Norte, foi possível coletar e analisar entrevistas com sanfoneiros antigos da região Agreste Litoral Sul. O resultado visual foi de cinco entrevistas, gravadas e editadas, onde os músicos contam sua trajetória profissional e de vida, além de tocar músicas marcantes em sua história, profissão e composições pessoais. Para ocorrer o registro da imagem para essa pesquisa, foi feito um estudo sobre antropologia visual onde foram levantados alguns questionamentos sobre o quão necessário e por vezes negligenciado o aprendizado de ferramentas de para a captação de material audiovisual na pesquisa de campo em música sob a óptica antropológica.

Fundamentação Teórico-metodológica: Antropologia visual, uma breve discussão

A antropologia visual é um campo de estudo que possui um viés atual e antigo ao mesmo tempo. Em nossa sociedade ela tem seus primórdios a partir do colonialismo europeu, e particularmente portugueses no Brasil, que registravam suas viagens através de pinturas e de escritas. Nessa época ainda não possuía a denominação de antropologia visual. Esses estudos antropológicos são devidamente criticados, pois, tal registro é manipulado e interpretado aos olhos do colonizador. Olhar esse que conta com os próprios preceitos, preconceitos e valores sociais de quem o registra. Isso nos leva a uma discussão sobre a parcialidade do registro antropológico, mesmo que seja visual. As imagens podem retratar a realidade de uma cultura, porém, qualquer registro seja escrito, pintado, fotografado ou filmado, é influenciado pela visão de mundo de quem está por trás do mesmo (nesse caso, do antropólogo).

Voltada a entender, conhecer, registrar o outro e sua cultura, utiliza além da escrita ferramentas como imagens, sons e filmagens. Segundo Oliveira (1996) um pesquisador antropólogo necessita dominar o olhar, o ouvir e o escrever. O olhar e o ouvir estão interligados e necessitam de uma capacidade minuciosa de atenção, esse treinamento é feito de forma prática e é fundamental que o antropólogo desenvolva tais habilidades:

Nesse sentido, os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação ao muito peculiar - isto é, peculiar a antropologia -, por meio da qual o pesquisador busca interpretar - ou compreender - a sociedade e a cultura do outro "de dentro", em sua verdadeira interioridade (OLIVEIRA, 1996, pg 34)

Apesar de haver esse treinamento por parte do antropólogo, é necessário afirmar que se vale também de elementos do próprio discurso, assim como da sua história e da sua visão de mundo. Afinal a imparcialidade entre o que o antropólogo observa ou pesquisa e os resultados que são obtidos é ilusória. O *Fieldwork* é o escrever para o etnólogo e antropólogo. O escrever exige prática e pode ser considerado o resultado do trabalho antropológico. A escrita antropológica é uma interpretação do objeto de estudo, mas não é desvinculada de dados ou de fatos. O Olhar e ouvir seria a pesquisa empírica e o escrever esta indissociável do pensar (OLIVEIRA, 1996). A observação participante pode fazer parte do processo, ou seja, enquanto se observa um meio, também acaba modificando-o.

A popularização da fotografia durante o século XVIII foi um marco para o nascimento do que hoje em dia podemos chamar de antropologia visual. Através dela os pesquisadores começaram a registrar culturas e povos de diversos lugares e juntamente com a escrita, tornou-se bastante usada como material de estudos. Apesar do estudo antropológico estar muito fortemente ligado à escrita, a antropologia visual estabelece uma relação próxima com a imagem e com o registro fotográfico

Com a ampliação do uso das imagens fotográficas pelos pesquisadores [...] exigiu-se uma nova abordagem teórica e metodológica dos estudos antropológicos. Com isso, a fotografia começa a ser proposta tanto como instrumento de pesquisa quanto como parte da interação entre o antropólogo e a cultura pesquisada, além de se apresentar como um discurso visual sistematizado (MATHIAS, 2016, página 93).

Apesar da fotografia ser um recorte de um momento e acontecimento em determinado lugar, isso não significa que não exista uma manipulação interpretativa, pois

o olhar fotográfico ainda reflete quem a tirou, como citado anteriormente podemos tomar como exemplo os registros feitos pelos portugueses dos índios brasileiros durante o século XVI, embora não fotográficos alguns rituais indígenas foram retratados de forma manipulatória para criar um imaginário “selvagem” e “exótico” a certa da sua cultura. O campo de estudo da antropologia visual atualmente reconhece essas relações de poder e crítica.

De acordo com Sylvia Caiuby (2022), professora de antropologia da imagem da USP, toda antropologia é visual. Segundo ela, em uma entrevista dada para a revista “*Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil*” qualquer estudo antropológico é feito de observar, ouvir, perceber e escrever, por isso mesmo se o registro final não tiver um material audiovisual apenas escrito, ele ainda é feito em função da imagem. A antropologia visual como uma área de estudo é razoavelmente recente, como dito ela se transforma muito com o advento da fotografia e se reestrutura e reformula com o surgimento do cinema que foi grande marco para essa área de estudo. MATHIAS (2016) escreve “A produção cinematográfica documental da primeira metade do século XX é vista como fundadora de uma antropologia visual e de um cinema ainda não acostumado ao campo[...]”. A partir de documentários feitos por estudiosos e cineastas, o cinema revolucionou a área com um todo. Os documentários demoraram a serem vistos como uma fonte de pesquisa, eram associados à arte do cinema. O antropólogo por trás da lente passa a ter um controle sobre o que é relatado e como é relatado e manipulado através de cortes, edição e trilhas sonoras. O imparcial, como dito anteriormente torna-se impossível, mas a ética de um registro antropológico deve permanecer. O pesquisador deve se aprofundar dentro da comunidade ou pessoas ou ambiente que se tornam o seu objeto de estudo.

No Brasil o estudo antropológico visual começou com uma retratação do país “exótico” e construiu o imaginário brasileiro durante anos. A produção audiovisual brasileira popularizou-se a partir da década de 90 com a disseminação das câmeras fotográficas. Hoje em dia existem produções que subvertem paradigmas da antropologia de um olhar colonial, como no caso do projeto “Vídeo nas Aldeias” que propõe capacitar as aldeias indígenas para que elas sejam os narradores e interlocutores das próprias culturas (MATHIAS 2016).

Projeto de pesquisa em música e o registro audiovisual

A música é um importante parte do registro antropológico em formato documental, a paisagem sonora faz parte do processo do estudo e a trilha sonora escolhida pelo documentarista pode manipular a visão do espectador sobre uma determinada situação. Em 2022 tive a oportunidade de ser bolsista de um projeto de pesquisa intitulado **“Matrizes Culturais do Forró no Rio Grande do Norte: um estudo junto a sanfoneiros do Território da Cidadania Agreste Litoral Sul”** que foi financiado por um órgão estadual. Esta pesquisa veio a partir da linha de uma outra pesquisa realizada entre 2019 e 2021, que foi publicada no relatório encaminhado ao IPHAN (BRASIL 2021), com o objetivo de mapear a prática e estrutura do forró enquanto patrimônio imaterial. Após o levantamento bibliográfico e o estudo de algumas manifestações culturais relacionadas ao forró no estado do Rio Grande do Norte, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 5 interlocutores músicos e sanfoneiros de algumas regiões. A nossa procura se deu principalmente por músicos e forrozeiros mais antigos da região e estávamos interessados em entender como se dava a manifestação do forró na sua época de atuação.

Entrevistas com os interlocutores

Nos dias 02, 03 e 04, de dezembro nós tivemos a oportunidade de entrevistar sanfoneiros mais antigos da região de Santo Antônio-RN, Brejinho-RN e Redenção-RN (município de Brejinho). Nosso primeiro entrevistado foi Sebastião Moisés de Oliveira (69 anos), mais conhecido como Bastião (Figura 1). Bastião cresceu em meio a uma família de rabequeiros onde seu pai, tio e avós tocavam, mas que a sanfona ele aprendeu sozinho experimentando e com a ajuda de músicos viajantes que passavam pela região. Ele conta como conseguiu sua primeira sanfona, comprada de um sanfoneiro mais velho e que seu pai lhe deu. Atualmente é conhecido como tocador de fole, sanfona, afinador de sanfona e construtor de fole. Bastião narra sua trajetória, sobre como participou como solista de fole por três meses em um projeto de orquestra sanfônica comandada por Cláudio Henrique de Araújo que atualmente se encontra em Mossoró-RN sobre como costumava tocar em festas chamadas festas de arroz doce, casamentos entre outras. A carreira como afinador de sanfona começou a partir da necessidade, pois o afinador da região que residia em uma

cidade próxima (São José de Mipibu - RN) veio a falecer e a partir da observação, tentativa e erro começou a trabalhar como afinador. Hoje ele costuma afinar a sanfona de vários sanfoneiros da região.

No mesmo dia e local foi entrevistado Luiz Marcelo de Oliveira (82 anos) ou como é comumente chamado Miúdo (figura 2), apelido dado por um senhor da região pois Marcelo era pequeno em comparação com seu irmão mais velho. Ele costuma tocar ainda hoje na mesma região que Bastião. Miúdo começou como pandeirista, e conta que iam tocar nos lugares a pé e quando estavam voltando ele pedia a sanfona do sanfoneiro (que já estava cansado da tocada e entregava) e na caminhada de volta ele ia experimentando tocar. Assim que ganhou sua primeira sanfona, contou que acordava mais cedo, ajudava a sua mãe a colocar o café para os trabalhadores e enquanto eles estavam comendo, pegava no instrumento para treinar antes de ir trabalhar na roça. O sanfoneiro conta como antigamente costumava se tocar forró “solado” ou seja, apenas instrumental e sem letra, mas que após os anos isso foi se transformando a partir da demanda da população que começou a pedir para tocar e cantar as músicas letras que ouviam nas rádios. Miúdo costumava tocar em trio com um zabumbeiro conhecido como Zé Peba, mas com seu falecimento começou a tocar sozinho. Ambas as entrevistas foram realizadas no mesmo dia (02 de dezembro de 2022) e no mesmo local, local este conhecido como Parque Municipal Pedra da Onça (figura 3) na cidade de Santo Antônio-RN, o mais conhecido ponto turístico da cidade. Ao fim de ambas entrevistas registramos os dois músicos (Bastião e Miúdo) tocarem e cantarem juntos algumas músicas.

No dia 03 de dezembro de 2022, fomos até Brejinho- RN, onde entrevistamos em sua residência perto do centro da cidade José Ferreira Neto (65 anos) também chamado de Dedé Ferreira. Dedé aprendeu a tocar sanfona quando criança, mas a partir da adolescência passou a trabalhar como motorista e apenas há dez anos teve seu reencontro com o instrumento. Hoje em dia vive de música e toca junto a um outro sanfoneiro mais jovem nas festas da cidade. Dedé fez algumas composições de chorinho no instrumento e nos apresentou há dois outros nomes de sanfoneiros antigos que conhecia: Dudu Santos e João Amador.

Nesse mesmo dia fomos até Redenção e entrevistamos Luiz Marcelo dos Santos (65 anos) conhecido na região como Dudu Santos (Figura 4). Sanfoneiro e compositor a

vida toda, aprendeu a tocar sanfona quando criança e se considera autodidata e poeta. Dudu mora um pouco afastado do pequeno município em uma estrada de terra suas composições segundo o próprio são relacionadas principalmente ao seu cotidiano, ao meio ambiente e as pessoas que ele conviveu. Foi procurado por algumas rádios e artistas do país para trabalhos colaborativos e gravou dois CDS com músicas autorais. Nos mostrou duas composições que fez, a primeira de sua vida para as crianças e uma que fez para os caminhoneiros. Dudu fala sobre a dificuldade que teve em ser reconhecido como compositor e seu processo composicional, sobre como costumava passar noites em claro quando tinha alguma inspiração poética e musical para que no outro dia logo cedo pudesse pegar na sanfona e tocar sua obra.

Por fim, no dia 04 de dezembro fomos até a casa de João Amador Filho (72 anos) em uma comunidade rural afastada do centro de Brejinho. João Amador (Figura 6) já trabalhou em diversos locais do Brasil. Sua maior influência musical foi seu irmão mais velho que morreu assassinado, desde sua morte João não toca mais na sanfona como antes. João contou que quando criança tinha que pegar o instrumento escondido pois seu irmão o ameaçava se o visse tocando. Apesar disso, ele acompanhava o irmão como pandeirista nas toçadas. Quando adolescente fugiu de casa e passou anos trabalhando em um regime análogo a escravidão, viajou por diversas regiões do país como o Rio de Janeiro e Bahia. Mesmo que sempre estivesse trabalhando em fazendas, ainda mantinha contato com a música e chegou a comprar algumas sanfonas usadas pela sua trajetória. João nos relatou com bastante orgulho que se apresentou em um bar onde Dominginhos estava. Quando voltou a sua terra, se casou e trabalhou em comércios, começou a tocar profissionalmente e comprou algumas terras inclusive a que vive hoje em dia. Conta que aprendeu a tocar sanfona vendo o irmão e ouvindo o rádio. Atualmente ensina ao seu filho com síndrome de down a tocar algumas músicas na sanfona

Discussões acerca do aprendizado do forró

Em sua maioria, os entrevistados tiveram seus primeiros contatos com o forró e com a música através de familiares e parentes, e apesar disso quando perguntados se algum filho, neto ou sobrinho seguiu a carreira como músico, nenhum confirmou. Apesar de alguns demonstrarem interesse pela sanfona ou por outros instrumentos e aprenderem a tocar, em sua maioria escolheram outra profissão para seguir.

Além de parentes músicos, um ponto em comum entre os entrevistados é a forma como aprendem os repertórios, quase sempre através das rádios, os programas de rádios da região transmitiam as músicas e os sanfoneiros escutavam duas ou três vezes decorando a música para assim, tocar nas festas e apresentações. Alguns tiveram uma vez ou outra acesso a discos, mas umas das principais formas de aprendizado era a partir da observação de outros músicos mais experientes tocando. A troca de conhecimento e aprendizado é interessante, todos na região se conhecem ou ouviram falar um dos outros, isso acontece pois vários músicos de regiões diferentes costumavam viajar entre essas regiões tão próximas. Existia, portanto, uma troca de conhecimento, de instrumentos e de repertório. A inspiração Gonzagueana foi unânime, todos citaram Luiz Gonzaga como o principal artista ouvido e tocado. Mas foram citados também outros artistas como Dominginhos, Trio Mossoró, Abdias, Noca do acordeon e outros que tocavam nas rádios da época.

Embora o forró seja tocado comumente em trio (Zabumba, triângulo, sanfona e, ocasionalmente o pandeiro), foi mais fácil encontrar sanfoneiros ativos pela região, e os próprios entrevistados costumavam tocar mais de um instrumento e cantar. O choro faz parte do repertório de todos os entrevistados. e todos conseguiram se lembrar das primeiras músicas aprendidas na sanfona, mesmo os que iniciaram cedo e passaram anos sem pegar no instrumento

Resultados da pesquisa

Os resultados Audiovisuais obtidos formam, uma sequência de cinco entrevistas editadas, com a duração entre 20 e 40 minutos cada contando a história desses sanfoneiros além de gravações dos próprios interpretando (tocando e/ou cantando) canções de diversos estilos, como por exemplo xote e chorinho, incluindo também composições próprias. Houve também a coleta de imagens de espaços e marcos históricos dos municípios visitados. A visão antropológica a partir do movimento/ dança forró não foi um tema abordado na pesquisa pois, devido ao pouco tempo que tivemos para realizar as entrevistas não tivemos a oportunidade de presenciar e nem registrar os interlocutores tocando/ cantando nas diversas manifestações culturais e comunitárias nas quais eles costumam ainda hoje atuar

Mesmo sendo regiões muito próximas, foi observado que cada uma se difere quanto onde e como o forró se manifesta, e embora tenham semelhanças, ainda sim,

contribuem de forma individual para a caracterização da manifestação do forró no estado. A sanfona não é um instrumento de fácil manutenção, é caro, mas mesmo assim esses músicos viajavam para afiná-la e para tocá-la,

Na opinião dos entrevistados ainda está no “gosto do povo”. A relação da música com a vida desses músicos é profunda, pois apesar das dificuldades que passaram ao longo de suas vidas em sua maioria eles continuam tocando e produzindo sua arte. O forró passou por grandes transformações ao longo dos anos e o cenário musical no Rio Grande do Norte e no Brasil também. Os músicos e sanfoneiros possuem uma visão parecida sobre o futuro do forró na região, acreditam que essa manifestação cultural ainda vai conservar-se por anos e sobreviver às gerações, que a população ainda se interessa e consome o Forró pé de serra. Sempre surge um músico novo na região, um jovem interessado em aprender a tocar e viver como sanfoneiro. Acredito que entrevistar esses músicos com tantas memórias sobre suas vidas musicais e pessoais torna-se um patrimônio importante para a região. Muitos lembram com detalhes as diversas fases de sua vida, trabalho, família, relacionando com a sua música e refletindo assim, nas características da própria. A cultura do forró e da sanfona ainda perpassa o interesse de gerações.

Identidade visual para a pesquisa de campo em música

A partir dessa pesquisa e do material audiovisual obtido é possível levantar alguns pontos. Primeiro de como o ambiente em que tais músicos viviam influenciava e trazia uma ilustração e um significado para o tipo de música que faziam. O som reflete o meio cultural no qual é produzido, e o meio ambiente reflete a música de determinado local. A paisagem sonora é formada e transformada pelo homem e acredito que a história de quem produz a música, faz diferença em como ela é executada. O registro de imagem e áudio da música produzida em determinada região auxilia no entendimento e construção da narrativa. Narrativa essa que tem como protagonista o próprio interlocutor. “O registro de imagens e áudios ultrapassa o musical, um estudo sobre música em múltiplos contextos e de música enquanto cultura”. (PINTO, 2001, página 251).

Apesar da pesquisa de campo ser esquematizada com a escrita e transcrição das entrevistas, acredito que o registro visual enriqueceu o projeto. Essa identidade visual para a pesquisa de música é o que diferencia o estudo ouvir os músicos tocando em ambientes como suas próprias residências ou um parque sua cidade, cercado de seus amigos e

familiares e ter ferramentas adequadas para captar esses momentos fez diferença para o compreender de sua realidade, história e principalmente, sua música. A imagem e o som estão extremamente interligados dentro do estudo antropológico da música segundo

PINTO:

A relação entre som, imagem e movimento é enfocada de forma primordial neste tipo de pesquisa. Aqui música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural (PINTO, 200, p.223).

Apesar do movimento e da dança do forró serem partes importantes dessa manifestação cultural, nesta pesquisa elas não foram registradas nem abordadas. Apesar disso, podemos levantar algumas questões relacionadas ao som e imagem. O estudo da antropologia visual na música deveria ser algo mais explorado, a arte está profundamente interligada com o meio na qual ela se reproduz. O conhecimento acerca da região, da morada, do território é importante, no campo da etnomusicologia com certeza ela está muito relacionada. *O meio ambiente influencia o som e quem o produz.* O mesmo tipo de música produzida em uma região não vai soar nunca igual a outra, mesmo que suas raízes sejam parecidas. Existem singelas diferenças no tocar e no compor que devem ser observadas por um olhar e ouvir treinado do pesquisador antropólogo, acredito que na pesquisa que fizemos matrizes do forró isso fica mais evidente.

Importância do estudo e uso de antropologia visual como ferramenta para a pesquisa na música

Segundo Sylvia, o pesquisador antropólogo costuma ir ao campo e coloca a imagem em primeiro plano, negligenciando um pouco o som:

Percebemos pouco a importância do som. Assista um filme do David Lynch, com e sem som. Muda tudo! Hoje nossos filmes no laboratório, todos têm legendagem para surdos, uma sugestão da Anahi Guedes, antropóloga de Santa Catarina, que nós acatamos imediatamente. Mas é preciso

descrever os efeitos visuais, sonoros, não é só a transcrição dos diálogos, mas os efeitos sonoros ali presentes. (SYLVIA, 2022 página 165)

Acredito que na pesquisa em música ocorra um fenômeno parecido, há a negligência com a imagem. O som, a música produzida é de extrema importância, mas a imagem que condiz com esse som também é. A identidade visual na música sempre foi muito presente, por que o estudo e registro não seria? Na antropologia visual o som é uma das ferramentas mais importantes. Se na antropologia visual a música, ou o som é fundamental e o ouvir é umas das grandes habilidades requisitadas ao antropólogo, em relação a pesquisa de campo em música o estudo da antropologia visual também é. A construção do olhar antropológico e da imagem dos locais e objetos de estudo é um campo muito importante a ser explorado. As pesquisas de campo em música sobretudo na área da etnomusicologia devem se aprofundar nas questões técnicas e teóricas dessa área e o resultado sonoro musical artístico será muito rico. Toda antropologia é visual, o registro filmístico da manifestação cultural musical é enriquecedor. A análise escrita é indispensável, mas a análise de imagens e sons também. Não existe um olhar neutro ou sem interferência do pesquisador, mas o registro e material visual das culturas musicais alinhado à pesquisa pode ser representativo para a cultura e pesquisa em música.

Conclusão

Acredito que o estudo da antropologia visual, suas técnicas, abordagens e história contribuiu de uma forma prática para a pesquisa de campo que foi realizada. A pesquisa de campo em música é uma importante área de conhecimento e, aprender ferramentas de como capturar diferentes culturas musicais, como registrá-las pode aproximar a comunidade acadêmica da comunidade externa. Além de produzir materiais didáticos para que a arte produzida fora e ao redor dos conservatórios e das universidades seja mais próxima, pois temos muito o que aprender com ela. O estudo deveria ser feito não apenas do captar da imagem, mas de como captar o outro, de como editar, de como roteirizar. Esse estudo agrega ao trabalho de campo, pois ensina a como olhar, como ouvir e como perceber o outro. Se torna assim, tão importante quanto a escrita. O cuidado de selecionar os materiais de captação tanto de áudio quanto de imagem pode influenciar a forma que se vê e se compreende determinada cultura, o escrever embora importante na pesquisa,

também pode agregar ao imagético e sonoro. O recurso audiovisual permite que objeto de estudo e de pesquisa conte a própria história. O olhar do pesquisador por trás da câmera deve ser sensível e transparente, tanto com a pesquisa, quanto com os interlocutores, afinal, estamos lidando com o ser humano, mais que isso com sua arte e com seu modo de vida. A oportunidade de registrar as expressões sonoras e composições no lugar que são comumente manifestadas pode e deve ser mais explorada em meio a comunidade acadêmica.

Figura 1 – Bastião segurando o Fole que construiu



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2022)

Figura 3– Sanfoneiro Miúdo segurando seu instrumento



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2022)

Figura 3 – Parque Municipal Pedra da Onça



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2022)

Figura 4 – Dudu Santos em sua varanda tocando acordeon



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2022)

Figura 5 – João Amador tocando acordeon em sua residência



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2022)

Referências

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Especial da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Instrução Técnica da Solicitação de Registro das Matrizes Tradicionais do Forró como Patrimônio Cultural Brasileiro*. 2021.

CAIUBY, Syvia; GARCIA, Tanize. Toda antropologia é visual: entrevista com Sylvia Caiuby. In: FREITAS, N. A.; MAGNI, C. T.; BANDEIRA, P. E. L. (Orgs.). *Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil*. Vol. 1. Sobral- CE: SertãoCult, 2022, páginas 149-177.

MATHIAS, Ronaldo. *Antropologia visual*. São Paulo: Nova Alexandria, 2016. 168 páginas.

OLIVEIRA, R. C. de. *O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. *Revista De Antropologia*, São Paulo, V. 39, n. 1 ,p. 13-37, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>. Acesso em: 07 mar. 2023

PINTO, T. de O. (). Som e música: Questões de uma antropologia sonora . *Revista De Antropologia*, V. 44, n. 1. p. 222-286, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012001000100007>. Acesso em: 10 jun. 2023